

Na Casa da Achada-Centro Mário Dionísio, em Lisboa, fizemos um debate aberto sobre o trabalho, a partir de uma proposta da Lega di Cultura di Piadena. O debate foi realizado na Casa da Achada no dia 4 de Março de 2016, às 18h. Durou mais de duas horas.

Começámos a nossa conversa com *O direito à preguiça*, de Paul Lafargue, um livro que é uma crítica ao trabalho e uma proposta / provocação de trabalharmos menos - 3 horas por dia. São palavras que parecem viver ainda, embora tenham mais de 130 anos.

— **"Uma estranha loucura se apossou das classes operárias das nações onde reina a civilização capitalista. Esta loucura arrasta consigo misérias individuais e sociais que há dois séculos torturam a triste humanidade. Esta loucura é o amor ao trabalho, a paixão moribunda do trabalho, levado até ao esgotamento das forças vitais do indivíduo e da sua progenitora. Em vez de reagir contra esta aberração mental, os padres, os economistas, os moralistas sacrossantificaram o trabalho."**
(Paul Lafargue, *O direito à preguiça*)

A conversa começou a distinguir vários "trabalhos": trabalho escravo, trabalho assalariado, trabalho precário, trabalho no sentido geral como actividade humana transformadora.

Para alguém, foi importante distinguir trabalho (transformar objectos com ferramentas, produzir) e emprego. O problema do "trabalho obrigatório". Poderíamos ter menos horas de trabalho obrigatório e dividir o trabalho por todos, afrontando a sociedade e a política do desemprego?

— Desemprego: política deliberada, que é preciso denunciar. Chantagem sobre os trabalhadores, pressão para manter a exploração, função de controlo dos salários.

— Mas também problema pessoal: os problemas psicológicos, as dificuldades de quem não arranja trabalho, os suicídios por falta de trabalho e de perspectivas que o desemprego gera.

— É preciso apoio a desempregados. É preciso sentirmo-nos úteis.

— Mas também é preciso podermos sentir-nos inúteis!

— Mas defender trabalho com direitos é diferente de lançar o slogan do "direito ao trabalho".

E aí voltou o texto de Paul Lafargue:

— **"Se, desenraizando do seu coração o vício que a domina e avilta a sua natureza, a classe operária se erguesse com a sua força terrível, não para reclamar os Direitos do Homem, que não são senão os direitos da exploração capitalista, não para reclamar o Direito ao Trabalho, que não é senão o direito à miséria, mas para forjar uma lei de bronze que proíba todos os homens de trabalhar mais de três horas por dia, a Terra, a velha Terra, tremendo de alegria, sentiria saltar nela um novo universo... Mas como pedir a um proletariado corrompido pela moral capitalista uma resolução viril?"**

— Viril?

... perguntou alguém. Outros precisaram de começar por distinguir "direito ao trabalho" e o "direito a ser explorado". Mas a fronteira é ténue...

— É só um bocadinho que vai da defesa do trabalho ao direito a ser explorado.

Uma intervenção lembrou uma história mais longa - a do ser humano na sociedade da abundância.

— Nas sociedades primitivas 4 horas de trabalho eram suficientes para conseguir os meios de subsistência. Era assim?

E no resto do tempo, tempo para fazer outras coisas.

E aqui ficámos muito tempo, a discutir essas "outras coisas", esse tempo da vida toda.

Alguém disse:

— Trabalhar menos implica mudar a vida toda. Provavelmente consumir menos, também. Nós que estamos aqui queremos ter televisão, telemóvel, computador... Queremos mais dinheiro para consumir mais. Se não quisermos essas coisas, podemos trabalhar menos.

Pronto, estava a polémica instalada e a discussão abriu-se. O que fazemos no tempo da vida? Do lazer? Dos "outros" trabalhos que queremos fazer, que nos fazem humanos, que são actividade permanente de emancipação...

— Nós sobrevivemos, não temos vida. **"Não morrer não é ainda viver"**.

— Espera! Mas há desperdício, há gente desperdiçada. Somos lixo?

**"Levanto-me, acordo cedo
vou para um trabalho que para mim não tem segredos
a minha vida não é para atirar ao lixo
não sou coisa, nem sou bicho
nem sou carne para canhão, não!"**

O endeusamento do trabalho: o trabalho tornou-se um deus e há uma classe que propõe ela própria ser escravizada. O proletariado põe uma canga a si próprio.

— Lazer? Mas antes disso - lembram-se...? - dois terços da humanidade vive na pobreza...

— E o trabalho afinal é só para ter dinheiro para sobreviver?

Pronto, veio o dinheiro à baila e nunca mais saiu do debate a ideia de que temos de pagar as contas e a renda de casa. Maldito dinheiro! (risos)

**"Vi-te a trabalhar o dia inteiro
construir as cidades pr'ós outros
carregar pedras, desperdiçar
muita força p'ra pouco dinheiro
Vi-te a trabalhar o dia inteiro
Muita força p'ra pouco dinheiro"**

— Como mudar isto, se "já estamos ligados à máquina antes de morrer", como disse alguém?

Como mudar isto? Outra pergunta que já não sai do debate. Constatamos a imperiosa necessidade de transformar uma sociedade desigual e injusta baseada na exploração, mas também a dificuldade de o fazer.

**"É a trabalhar
que a gente paga o jantar
mas foi a trabalhar
que a gente fez a faca para o cortar"**

— E o lazer, então?

— O lazer pode ser tão alienante como o trabalho. O que é que esta sociedade nos dá para fazermos fora do trabalho?

— Às vezes nem sabemos bem distinguir se estamos no lazer ou no trabalho. A divisão é problemática hoje em dia.

E falou-se de quem está reformado. A aposentação, como é? Há quem tenha vivido uma vida inteira a trabalhar e depois se reforme e não saiba o que fazer da vida...

Outra pergunta difícil: como satisfazer as necessidades, pessoalmente? Há tantos trabalhos "estúpidos" a serem feitos, tantos trabalhos estúpidos para fazer...

De repente alguém fala da Argélia: Falemos de outros países, de sociedades diferentes da nossa.

As sociedades "pré-capitalistas"...

— Ou a sociedade camponesa. Na sociedade camponesa havia espaço para pessoas com funções não remuneradas. O desemprego surgiu depois, não existiu sempre essa ideia.

A noção de desemprego é formatada pelo conceito actual de trabalho: remunerado, com horário, com o mínimo de horas a cumprir...

O trabalho é algo remunerado - mais tentativas de circunscrever a palavra "trabalho". É difícil... há tantos trabalhos diferentes!...

"É preciso sentirmo-nos úteis" - o papel das associações. Estar com os outros, de outras formas. Mesmo se estivermos desempregados ou reformados.

— *Estarmos aqui a debater como não é habitual, um debate aberto proposto por amigos de Itália. E a conversa continua com entusiasmo. São questões de todos. São questões práticas e teóricas. São questões importantes, da nossa vida. Precisamos de palavras para pensar e agir. Temos de escolher as palavras.*

— Não nos conseguiríamos organizar para os desempregados estarem ocupados? Ou isso é só manter o estado de coisas?

As cooperativas irrompem na conversa. E a ligação campo/cidade, que é ainda um problema. Na revolução portuguesa de 1974 houve gente a questionar a divisão campo/cidade. E hoje? Não é preciso pensá-la de novo noutros termos, doutras formas?

**"Gente do campo, gente da cidade
gente que quer sair do nada
há uma classe exploradora
e uma outra que é explorada"**

— Noutro debate, sobre jornalismo, disseram que o que importa é dar emprego aos jornalistas. Sim, mas então é questionar a informação e a forma como ela é produzida e transmitida?

— Estamos a desviar-nos no tema.

— Não, não estamos. Tudo tem que ver com tudo.

— Sim, vamos criar espaços de apoio a desempregados e a explorados. Mas apoio não chega. Assistencialismo não chega. O desemprego foi inventado pelo capitalismo, é estrutural.

— O desemprego serve para controlar os salários e a população.

— Poderíamos distribuir o trabalho.

— Há riqueza para as pessoas comerem.

— Mas este capitalismo quer controlar populações inteiras.

Polémica: "Nós queremos ter muita coisa". Mas o problema não é esse! diz alguém.

— Essa crítica é insuficiente. Não podemos dizer que "é culpa nossa porque nós queremos consumir".

— Sim, mas isto assim é insustentável!

— Voltemos à questão do tempo livre. Os tempos livres, hoje, podem estar muito próximos do trabalho. Por exemplo quando passamos as horas livres no facebook, uma nova organização corporativa, muitas vezes continuamos a trabalhar para o patrão. Também são "tempos livres" o que lemos, e o estudo que fazemos também pode ser "trabalho". Ou pelo menos está dominado pela lógica do trabalho.

— Há menos cisão entre tempo livre e trabalho. Já alguém tinha dito isto.

— Mas é preciso dinheiro para comer!

Trabalho é criar a forma humana. A forma humana cria trabalho.

Pausa para pensar.

Alguém quer dizer mais alguma coisa?

— Sim, sim, quero. É preciso aprofundar a questão das cooperativas informais. É uma possibilidade de transição para outro modo de produzir e viver.

— Mas as cooperativas tornam-se empresas iguais às outras... e que exploram melhor. Estão na moda outra vez. Criar o próprio emprego, no mesmo esquema?

— Não, não é isso que interessa. Deveriam ser forma de criar trabalho diferente. Claro que a cooperativa não é panaceia... O que importa é o contacto permanente, a comunicação entre os de baixo, o encontro. E existe aqui, em Portugal em Espanha, em Itália... É uma oportunidade de descobrir o verdadeiro sentido de cooperação - libertar o tempo dos tempos livres. Não serem os outros que decidem.

— É preciso construir "ao lado".

— Arranjar outras formas de distribuição. Não é só uma questão de produção.

— É preciso cortar os laços com o Estado. Outros modos de produção e distribuição.

— Experiência de outras actividades. Descobrir outros horizontes.

Oposições:

trabalho livre / trabalho obrigatório

lazer / trabalho

emprego / desemprego

útil / inútil

campo / cidade

competir / cooperar

— Poderemos ser livres nesta sociedade? Eu posso escolher fazer outras coisas, em vez de ir para o centro comercial. Mas a liberdade não é só uma escolha individual. A liberdade é um problema colectivo.

Ainda o lazer...

— Ou o que chamam de "lazer" porque está fora das horas de trabalho obrigatório. O lazer depois de trabalho estúpido é mais estúpido. O cansaço leva a fazer coisas estúpidas. Quanto mais alienante é o trabalho, mais escolhemos ocupar o tempo livre com actividades alienantes, como ver televisão ou jogar jogos de computador.

— E ir à tasca? - é alienação? Ou foi princípio de muita revolução?

— Para eles, diminuir o tempo de trabalho é "perigoso": as pessoas ainda começam a pensar...

Os círculos viciosos...

— Como vou continuar a viver se tenho uma reforma miserável e se vivi, e vivo, uma vida concentracionária, e tenho os movimentos limitados? Toda uma vida a trabalhar, nem dá para as pessoas se descobrirem, saberem o que é que gostam, aprenderem a fazer coisas...

— E se sou obrigada a mudar de casa? Isso também é uma forma de controlo. Não ter dinheiro também é não ter movimento. Os transportes têm de ser gratuitos e públicos.

— Criação de moeda - é interessante mas tem limites, a nível local há experiências interessantes...

Ainda as cooperativas...

— É preciso sentir a possibilidade de transformação, o movimento, o auto-financiamento, o encontro com a vida e a vida dos outros.

**"Pouco a pouco nasceu a ideia
de formar comissões de trabalhadores
elegíveis em assembleia
lutamos primeiro
para sobreviver
mas no fim de contas
para enfim poder
mudar o destino
lutar e vencer"**

Nova polémica:

— O problema foi declararem a morte das ideologias! Caímos no hiper-relativismo. É preciso outros valores.

— "Valores"? Não, não, o que é preciso é outras práticas!

... responde alguém num salto.

— Trabalho é diferente de emprego. Temos de partir daqui se queremos transformar. E outra oposição que sempre me preocupei em quebrar: trabalho manual/trabalho intelectual. O que era bom era ter o emprego que se queria, trabalhar numa coisa de que se gostasse... Falou-se de lazer mas não se estará a falar só de assistir a espectáculos? Não é um lazer em que as pessoas construam coisas, criem. Entende-se o lazer só como assistir a espectáculos.

E o espectáculo somos nós, fazemos parte.

Provocação de um amigo: "devíamos era receber um salário como figurantes desta Lisboa turística, uma cidade transformada num parque de diversões."

— É preciso uma crítica da organização dos lazeres. Há centros de dia para a terceira idade com tantas actividades que parece que os velhos têm um horário escolar!

— O problema é esta vitória do "ser obediente" e adaptarmo-nos às circunstâncias. Começa logo na escola. Vamos construindo percursos agarrados a potenciais trabalhos – currículos, carreiras... Os sistemas de ensino condicionam as noções de trabalho e emprego. E a nossa postura obediente, também. Ser obediente, ser obediente...

**"Que força é essa
Que força é essa
Que só se te serve para obedecer
Que só te manda obedecer
Que força é essa amigo
que te põe de bem com outros e de mal contigo?"**

— Não podemos aceitar a mercantilização de tudo.

— Mas todas as alternativas vão ser integradas.

Os pessimismos regressam...

— Objecção: mas sem a experiência de outras formas de encontro e de produção e sociedade e vida, não é possível derrubar o sistema capitalista.

— Hoje em dia há informação "em excesso". É difícil lidar com isto. E conseguir fazer curto-circuito.

— Tem de haver uma atitude mais activa. No lazer e no trabalho tentar fazer curto-circuito. Quebrar o isolamento. Partilhar as condições de exploração para as mudar.

**— Contradições.
Um pau-de-dois bicos.
Interrogações.
Pausa para pensar.**

— Eu trabalho no que gosto. Numa associação, da qual sou trabalhadora e militante. Por isso acabo por estar sempre a trabalhar, mesmo fora do horário marcado. O meu companheiro acha que é melhor separar bem isso das horas de trabalho e das horas de lazer. E que, por isso, é melhor ter um trabalho de que não se gosta, para se chegar à hora de saída e não se pensar mais nisso.

— Eu não sei. Primeiro preferia ter um horário rígido. Mas agora já não sei...

— Na minha empresa vão agora tornar possível que os trabalhadores acedam aos documentos do escritório a partir do computador de casa. E eu penso: "se calhar é bom, não tenho de trabalhar das 9h às 5h, posso trabalhar por exemplo à meia-noite, ou à hora a que eu quiser.

— Olha que não é bem assim. É uma armadilha isso do levar trabalho para casa. E isso do tele-trabalho. Na minha empresa também é assim e, quando estou doente em casa, tenho de estar a trabalhar.

— Eu mudei o que pensava. Dantes pensava que o futuro ia ser ter mais tempo livre. Parecia evidente. Íamos produzir mais com menos trabalho. O que vejo é que essa ideia foi um logro. Eu acreditava numa evolução natural, num progresso. Fui estudar computadores. Eles iam ajudar os seres humanos a fazer mais coisas e melhor. Equívoco meu?

Também é importante a atitude das pessoas perante o trabalho. Pois.

E da desvalorização do trabalho em casa, do "trabalho doméstico", ninguém fala?

É preciso mudar a visão das coisas. Por isso sabe bem fazer um debate assim, aberto. Pensarmos em conjunto, divergirmos, clarificarmos ideias, é tão importante.

**"E o que vejo não é nada
se cá dentro não o penso
se não vejo com os olhos
da terra donde pertença
se não me cruzo com as estradas
da montanha ao mar imenso"**

— Ainda bem que há gente amiga em Itália que nos provoca a pensar. Ainda bem que isso nos faz pensar nas coisas mais próximas com os olhos no mundo inteiro. E no mundo com a nossa experiência de tomar a palavra, pensar as possibilidades de transformar. De repente encontramos-nos uns com os outros e as trabalhosas palavras enchem-se de vida a pensar o possível. E o impossível sempre ali, como um motor utópico, a trabalhar.

Na Casa da Achada-Centro Mário Dionísio, em Lisboa, fizemos um debate aberto sobre o trabalho, a partir de uma proposta da Lega di Cultura di Piadena.

— Mas eu não pude ir porque estava a trabalhar!

«E noialtri lavoratori vogliamo la libertà»